

# Música e Inclusão: Desvelando Experiências Docentes em Escolas de Ensino Regular

*Mayara Rangel*  
*FAMES*  
*mayararangell@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso do curso de Licenciatura em Música. O trabalho investigou e analisou relatos de experiências docentes acerca do ensino da música dentro do processo inclusivo de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto de escolas de ensino regular. A pesquisa exploratória trouxe um entendimento de como foi e vem sendo abordado o ensino da música e suas práticas com esses sujeitos inseridos no cotidiano escolar. Com base nos dados qualitativos, identificamos e analisamos esses relatos através da gravação de entrevistas individuais e com roteiro semi estruturado com cada professor. Os profissionais entrevistados são professores de música que atuam e/ou atuaram em escolas de rede pública e privada na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. As considerações finais apontam para um ensino musical inclusivo, proporcionando a professores e afins, bases para realização de um trabalho com qualidade, buscando a construção de conhecimentos e complementações de saberes. As considerações finais também nos levam a um pensar de um preparo especial dos professores de música que irão atuar com os sujeitos com necessidades educacionais especiais juntamente com os demais alunos ditos “normais”.

**Palavras chave:** Educação Musical Inclusiva; Ensino Regular; Experiências Docentes.

## Introdução

A música inserida no currículo escolar traz consigo a arte visual e cênica, a expressão corporal, o canto coral, a rítmica e a vivência musical que são trabalhadas de formas diversificadas no fazer musical. A música também tem a função de despertar e desenvolver a sensibilidade, o senso rítmico, autodisciplina, despertar a imaginação e concentração, dentre outros fatores que contribuem diretamente para a formação do indivíduo como o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo de acordo com a proposta de cada atividade realizada na educação musical.

A proposta de educação inclusiva é um processo no qual amplia-se a participação de todos os estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE) nos estabelecimentos de ensino regular, assim, tratando-se de uma reestruturação cultural das práticas e das políticas vivenciadas nas escolas. É uma abordagem humanística e democrática que percebe o sujeito e

suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos.

Glat (2011) corrobora que a educação inclusiva é uma política educacional oficial do país, amparada pela legislação em vigor e convertida em diretrizes para educação básica dos sistemas federais, estaduais e municipais de ensino, conforme a Resolução CNE/CEB Nº 2 de 2001:

Art. 2º: Os sistemas de ensino devem matricular a todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidade educacionais especiais, assegurando às condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (Brasil, 2001 apud Glat, 2011 p. 24).

Louro (2006) assegura que a música pode ser um instrumento para ajudar na comunicação e reabilitação física, mental, social e emocional do aluno com necessidade educacional especial (NEE). Isso, porém, não significa excluir a possibilidade de um real processo pedagógico de se musicalizar e sensibilizar através da educação musical.

Ponderando sobre os benefícios da música no contexto educacional, a presente pesquisa teve por objetivo desvelar a importância e o sentido da educação musical numa perspectiva educacional inclusiva a partir de relatos de experiências de educadores musicais que atuam ou atuaram na área, percebendo as deficiências/carências/distorções em relação às práticas musicais do cotidiano escolar no qual os indivíduos com NEE estão inclusos com os demais alunos.

## **Interpretação e Análise de Dados das Entrevistas com os Professores A, B e C**

O professor A é Licenciado em Música e atua com a educação musical no ensino fundamental da rede pública municipal e no ensino superior estadual. Em seu contexto escolar, estão inseridos alunos que possuem limitações intelectuais, como “Autistas, alunos com Síndrome de Asperger, Hidrocefalia e Superdotados”. Na realização de seu trabalho com esses indivíduos, juntamente com os demais alunos da sala, o professor A acredita que não se deve pensar na música de forma estética – o que sob sua ótica, também é importante –, mas sim como um meio para oferecer estímulos. Isto porque, segundo ele, na limitação intelectual

o que se destaca não é a estética, e sim os estímulos necessários para o desenvolvimento do aluno, o que fará com que o impacto proporcionado pela limitação seja reduzido. Através do trabalho em classe, o professor A acredita que os alunos com NEE devem ser estimulados a participar das aulas, a interagir com os colegas e a adaptar-se ao cotidiano escolar.

Nesse sentido, podemos destacar Louro (2006) ao ratificar a idéia de que a música é um “privilégio” para todos, embasada no pensamento de Gardner (1994; 1995), quando diz que todos são capazes de aprender música, cuja atividade deve ser adaptada àqueles que possuem dificuldades mais acentuadas, o que possibilita depreender que as possibilidades de cada um devem ser respeitadas.

Irrestritamente, o entrevistado não se considera um professor apto para atuar em sala com alunos que possuem NEE, pois pensa que o professor competente para tanto, dota-se, em primeiro lugar, de boa. Desta forma, diminuir-se-á a existência de professores que, perante aluno assim, ficam estáticos, acarretando sobre si mais limitação do que o próprio estudante possui. É de suma importância ressaltar que essa preocupação pauta-se na sensibilidade que deve ser inerente ao professor, o que o fará buscar aperfeiçoamento de seus conhecimentos, conhecer a necessidade que o aluno possui, preferindo, assim, fatos verídicos às inferências do “eu acho”.

Refletindo sobre as questões trazidas à luz pelo professor A, podemos destacar um trecho do artigo de Soares *et al* (2007), que trata exatamente a respeito da necessidade do professor se aperfeiçoar para entender a complexidade da deficiência, deixando de atribuí-la apenas a uma questão biológica:

No que diz respeito ao ensino de pessoas com necessidades especiais, Leite (2004) ressalta que é importante que o professor não atribua o fracasso do aluno à sua própria deficiência, considerando o contexto no qual este aluno está inserido e analisando suas próprias atuações, o que indica que este professor não deve conceber a deficiência apenas como uma questão biológica (SOARES, CORTEGOSO, JOLY, 2007, p. 7).

O professor A afirma que os ensinamentos transmitidos aos alunos com NEE seriam mais bem aproveitados num ambiente especializado, mais saudável e melhor adaptado, do que a sala de aula regular. Em sua opinião, embora fala-se tanto em educação inclusiva, não existe uma estrutura adequada, pois o sistema não está preparado para recebê-los em virtude de uma série de motivos, como, por exemplo, excessivo número de alunos nas salas. Em meio a essa situação, ele se questiona: “Por que esse aluno tem que ficar dentro da sala de aula, um

*ambiente que não é saudável pra ele, pois estão ali alunos agressivos e que brincam o tempo todo?”.* O professor A ainda afirma que a sociedade, de forma geral, pregou tanto uma cartilha de educação inclusiva, que ocasionou o declínio as instituições como as “APAE’s”. Para ele, essas instituições exercem um trabalho de qualidade, singular e bem especializado.

Refletindo sobre as afirmações do professor A, devemos pensar em uma educação inclusiva norteadas não somente pela inserção do sujeito no contexto escolar, mas também pelo aprendizado dele. Ou seja, o aluno, de fato, precisa estar incluso, mas também necessita aprender.

Esses posicionamentos do professor A nos remete a algumas questões fomentadas por POSSA e NAUJORKS (2009), quando afirmam que:

Para a educação dos diferentes não seriam necessárias “diferentes educações”? Temos que pensar sobre uma educação para todos ou em múltiplas educações para atingir a todos? Pensar a multiplicidade de possibilidades da educação não seria um princípio de respeito à diferença tão difundido com a perspectiva da educação inclusiva? [...] Para a mediação da aprendizagem dos diferentes alunos não seriam necessários diferentes professores e estes com diferentes conhecimentos? (POSSA e NAUJORKS, 2009, p. 12).

A professora B é Licenciada em Música, especialista em Artes na Educação e em Psicopedagogia. Atuou como Educadora musical no ensino infantil, fundamental e médio em rede pública e privada de educação, além de instituições com iniciativa privada (as Pestalozzi’s). Para a professora B, a música contribui diretamente na formação educacional, tornando-se de extrema importância na inclusão dos alunos com NEE inseridos no ensino regular. Ela afirma que no fazer musical, é trabalhada uma série de fatores exigidos a esses indivíduos, como a coordenação motora, a atenção, o equilíbrio físico e psicomotor, noções de espaço. Também em seu ponto de vista, é a oportunidade, de modo lúdico, de tirar o indivíduo de um isolamento que o meio proporciona e inseri-lo no contexto dos demais alunos ditos “normais”, inclusos igualmente em detrimento das limitações.

Mesmo havendo alunos portadores de deficiência física, de autismo, de paralisia cerebral e da síndrome de Asperger, em seu cotidiano escolar, a professora B acredita que a inclusão é muito positiva, pois leva em consideração que as limitações devem ser respeitadas pelo grupo e pelo professor. Deste modo, será sabido que em virtude dessas necessidades especiais no aprendizado, as atividades propostas não serão feitas com perfeição à qual os

demais alcançam com mais facilidade. Ela acredita que com o tempo e dedicação ao trabalho os resultados serão vistos de forma nítida. A professora B afirma que é de suma importância que os demais alunos, de forma participativa e não imposta, convivem e presenciem essas intervenções, pois desde pequenos irão aprender a lidar com as diferenças, a respeitá-las e a ajudar o colega com limitação.

Podemos relacionar diretamente o pensamento da professora B com as reflexões levantadas por Louro (2006) a respeito de que o professor ciente do seu papel e da sua necessidade de buscar conhecimento na realização do seu trabalho tem a oportunidade de educar e também, ao mesmo tempo, reabilitar seus alunos através da música, uma vez que esta pode alcançar os aspectos físicos, mentais, emocionais e sociais que afetam diretamente o sujeito.

No ponto de vista da professora B, para o professor de música estar apto para trabalhar com a inclusão, é preciso que ele conheça e explore didáticas diferentes e domine metodologias de pedagogos musicais como Kodaly, Orff, Dalcroze, Willems, Murray Schafer e Swanwick. O professor deve conhecer o aluno individualmente e perceber qual é o grau de seu desenvolvimento e suas limitações, visto que são sujeitos diferentes e com necessidades diversas. Além disso, mesmo que, teoricamente, sejam as mesmas necessidades, deve-se levar em consideração que cada um tem uma maneira diferente de lidar com ela e de encarar o mundo ao seu redor.

Relacionando as falas da professora B com as contribuições da música no processo de inclusão, Soares *et al* (2007) ao citar Joly (1994) destaca que:

A respeito da inclusão de alunos com necessidades especiais, novos desafios são lançados e a capacitação dos professores de música para lidar com estes desafios é fundamental, visto que muitas escolas regulares (públicas e privadas) estão recebendo tais alunos. A figura do professor é fundamental no processo de aprendizagem de música das pessoas com necessidades especiais, posto que a música favorece o desenvolvimento emocional, a conscientização de si mesmo, bem como o despertar de emoções e da espontaneidade, proporcionando, também, a integração social e emocional, entre outras coisas (JOLY, 1994 *apud* SOARES *et al*, 2007, p. 2).

Licenciada em Música com especialização em Artes, lecionando da educação infantil ao ensino superior em redes públicas e privadas, a professora C tem a visão de que a música é uma arte completa, pois abrange o teatro, a dança, o canto, os instrumentos musicais, cujos elementos se completam. Ela salienta que através dessas atividades, é possível ocorrer a

inclusão, o diálogo e a convivência entre os alunos com necessidades educacionais especiais e os que não possuem, uma vez que a música atende e alcança a todos. A professora C afirma que, se um aluno não pode tocar, ele pode cantar; se não pode dançar, ele pode dramatizar, desta forma, portanto, lida-se com as diversidades no fazer musical. Ela assegura, ainda, que é de extrema importância que o aluno com NEE frequente as aulas de música, pois é uma oportunidade de ele desenvolver suas habilidades.

Relacionando a fala da professora C com o pensamento de que “[...] a música é uma linguagem universal” (BRÉSCIA, 2003), é válido considerar que a música ajudará também aquele aluno que tem dificuldade de sentar, de saber ouvir, de concentrar-se, de comunicar-se com os demais. Neste sentido, Soares *et al* (2007) cita Joly (1994) destacando que:

Para Wills e Peter (1996), a música pode romper barreiras e favorecer a descoberta de potencialidades até então desconhecidas. (JOLY, 1994 *apud* SOARE *et al*, 2007, p. 02)

Pelo seu caráter lúdico e englobando as “artes” que existem no fazer musical, a música é um fator que contribui diretamente para inserção do sujeito com NEE no cotidiano escolar. Através das atividades vivenciadas musicalmente, eles terão a oportunidade de expressar-se, de envolver-se com alunos de outras culturas e, nesse contato, serão desenvolvidos e colocados em prática a comunicação e o respeito entre si, aprendendo também a esperar o tempo do colega e a auxiliá-lo quando necessário.

Ao falar de sua formação acadêmica e da relação desse fato com o processo de inclusão, a professora C nos coloca algumas questões fundamentais:

Durante a licenciatura e alguns cursos de aperfeiçoamento, temos a disciplina educação inclusiva, mas na verdade existem muitos pontos que não são destacados ali, que vão aparecer no cotidiano, com as crianças ou jovens. Quando estamos na prática em sala de aula, as informações que vem com os livros são valiosas, porém a vivência é fundamental no trabalho com a inclusão (Professora C).

Para a professora C, o aluno com NEE muda o dia a dia da turma e suas rotinas, fazendo com que os demais entendam que ele precisa fazer essas mudanças de ações e atitudes, já que traz consigo à sua personalidade e suas limitações, além do fato de que até mesmo os alunos que não possuem nenhuma necessidade têm suas diferenças.



A professora C, em suas práticas docentes, vivenciou e tem vivenciado alunos com diversos tipos de necessidades educacionais especiais, tais como: síndrome down, esquizofrênico, deficientes físicos, visuais, e intelectuais. Ela observou que o aluno especial procura mais a rede pública, pois é mais estruturada para receber esses sujeitos do que a rede privada. O maior desafio é, em sua sala de aula com um grupo grande de alunos, o professor sozinho conseguir atingir a todos.

## Considerações Finais

Ao pensarmos em uma educação musical sob a perspectiva inclusiva, refletimos sobre a necessidade de não somente incluir, mas também fornecer meios favoráveis para uma educação de qualidade, como uma estrutura física e de profissionais que contribuirão para o desenvolvimento e inclusão dos sujeitos com NEE.

Como podemos perceber nos depoimentos dos professores entrevistados, a música oferece, no processo inclusivo, a oportunidade do aluno ludicamente socializar-se com os demais, desenvolver a afeição, demonstrar suas habilidades e trabalhar a imaginação. Ela afeta diretamente as emoções dos sujeitos, podendo causar uma mudança de comportamento e fazer com que eles descubram, no mundo musical, um modo diferente de aprender e de expressar seus gostos e sentimentos. Podemos afirmar que incluir não é apenas colocar o aluno na sala de aula, mas é fazer com que ele aprenda e pratique os ensinamentos a ele transmitidos.

Precisamos de professores que sejam motivados para tal trabalho, com entusiasmo e dispostos a pôr em prática seus saberes e a trabalhar para fazer com que a diferença seja superada, pois não há lugar para o “*pré-conceito*” em sala de aula. O professor precisa pensar positivamente, inovar-se a cada dia, superar os desafios que surgirem, prover meios para que os objetivos propostos sejam alcançados e oferecer uma educação de qualidade a todos.

Cabe ao professor também buscar seus conhecimentos, oferecer estímulos a seus alunos, pesquisar e se atualizar, sem deixar de lado a responsabilidade que os estados, municípios e governantes tem nesse processo além da escola, das famílias e da comunidade como um todo. Neste sentido, a escola deve conhecer e acompanhar mais proximamente os alunos com NEE. Quanto ao professor, é necessário trabalhar em parceria com a escola e com

a família para que seu trabalho seja melhor desenvolvido, pois ele tem em suas mãos a oportunidade de fazer a diferença e não apenas incluir em virtude uma exigência do governo e a sociedade, mas sim porque irá transmitir conhecimento para aqueles que anseiam e que, de certa forma, devido suas limitações, tem dificuldade em absorvê-las.

Pressupõe-se que seja necessária que, durante o processo de sua formação acadêmica, o professor aproveite cada disciplina - não somente a que se refere à inclusão - e cada dose de conhecimento a ele dada. É mister também que o professor tenha uma formação continuada, pois assim, ao se deparar com situações diversas, ao pôr em prática sua formação, ele estará preparado principalmente para interagir com o sujeito e para promover a inclusão desses aos demais alunos. É a oportunidade de o professor fazer com que o aluno aprenda e tome gosto pela música.

Podemos perceber que a música possui diversas formas de ser trabalhada através de suas artes que estão inseridas nas atividades musicais, contribuindo para que os alunos com NEE estejam diretamente envolvidos e socializados com os demais, desenvolvendo assim, o respeito e comunicação entre si. Não podemos nos desmotivar com as diversidades e quantidades de alunos que estão dentro de nossas salas de aula, mesmo que dentre esses haja alunos portadores de necessidades físicas, intelectuais e até mesmo emocionais.

Através dos relatos dos professores entrevistados podemos observar que incluir vai muito além de apenas pôr o aluno dentro de uma escola regular de ensino. Na verdade, trata-se de permitir que ele tenha condições de aprender e de socializar-se com os demais alunos num caráter de igualdade, sem desconsiderar, porém, a diferença. Considerar essa diversidade significa garantir que o aluno aprenda e estude com o suporte necessário para que absorva todo o conhecimento que lhe será transmitido, contando, para isso, com uma estrutura composta, dentre outros elementos, por professores preparados e capacitados para esse trabalho diversificado, por equipamentos e recursos tecnológicos, por recursos humanos, pela acessibilidade nas escolas e pela monitoria, isto é, alguém que assuma a função de estagiário para acompanhar as atividades e auxiliá-las.

Como tônica final, concluímos que é possível oferecer dentro do fazer musical, mesmo havendo alunos com limitações e culturas diversificadas, uma educação de qualidade para todos, respeitando, para tanto, a necessidade de cada um.



## Referências

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.

GLAT, Rosana. *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. 2 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

LOURO, Viviane dos Santos; ALONSO, Luis Garcia; ANDRADE, Alex Ferreira de. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São Carlos: do autor, 2006.

POSSA, Leandra Bôer; NAUJORKS, Maria Inês. *Formação de Professores em Educação Especial: os discursos produzidos em textos científicos*. In: 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. *Anais eletrônicos* Caxambu – MG, 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT15-5759--Int.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2013.

SOARES, L.; CORTEGOSO, A. L.; JOLY, I. Z. L. *Educação Musical e inclusão: saberes e práticas do professor de música*. In: XVI Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical - Congresso Regional da ISME na América Latina. *Anais eletrônicos*, Campo Grande - MS, 2007. Disponível em: <[http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art\\_e/Educacao%20Musical%20e%20Inclusao.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_e/Educacao%20Musical%20e%20Inclusao.pdf)>. Acesso em 21 out. 2013.